

A IGREJA CATÓLICA E O SOCIALISMO: AS RELAÇÕES DA IGREJA COM A ILHA SOCIALISTA DE CUBA APÓS O CONCÍLIO VATICANO II

Gleilson José Mota Andrade

RESUMO

Na segunda metade do século XX, a Igreja Católica começa a rever suas posições políticas frente à modernidade, inclusive com relação ao socialismo, no caso da América Latina, as relações entre teólogos cristãos e militantes socialistas cubanos, ainda que não isenta de percalços, mostra que é possível à convivência do Catolicismo e o Socialismo.

Palavras-chave: Socialismo Cubano; Igreja Católica; Concílio Vaticano II; Tensões e Conflitos; Convivência.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é analisar as tensões e conflitos que se deram entre a Igreja Católica e o regime socialista de Cuba, anunciado como tal em 1961 pelo seu líder Fidel Castro, visto esse ser o único caso onde o socialismo conseguiu se instaurar como regime duradouro em toda a América Latina merecendo, portanto, lugar de destaque na história contemporânea da América latina. Para isso lançaremos mão de textos oficiais publicados pela igreja a respeito do comunismo e dos textos dos teólogos latino-americanos que se debruçam sobre esse assunto, tentando desenhar, através dos textos, as formas ou configurações de relação entre igreja e socialismo na sociedade caribenha da segunda metade do século XX. Iniciaremos com uma breve contextualização da situação da Igreja no período que se sucede ao Concílio vaticano II, visto que acreditamos ser esse período de suma importância para a compreensão do tema proposto.

A IGREJA CATÓLICA PÓS-CONCILIAR

Em 1962, sob os auspícios do papa Pio IX tem início em Roma o Concílio Vaticano II que se estendem até o ano de 1965 quando se dão por encerradas às discussões, já sob o papado de João XXIII, o principal objetivo da reunião foi discutir a atual conjuntura mundial e a forma como a Igreja deverá se reinventar para que possa se inserir na contemporaneidade, quais deverão ser suas políticas, tanto política quanto espiritualmente, visto que uma parcela significativa dos membros que compõem a instituição há bastante tempo criticavam a postura até então adotada vigente, postura conhecida como romanização e que foi adotada após a Concílio Vaticano I que foi realizado entre 1869 e 1870, entre outras coisas a política da Romanização pregava o afastamento da Igreja dos problemas sociais e das questões de ordem política da modernidade, restringindo-se a cuidar dos assuntos espirituais, tentava fazer com que a igreja se “fechasse” em si mesma na espera de que o mundo mudasse para se adequar a ela e não o contrário, normatizava ainda a total obediência dos fiéis aos seus pastores (padres), essa postura isolacionista fez com que a igreja se afastasse, na prática, dos seus fiéis mais humildes¹.

No que concerne à igreja católica Latino-americana essas críticas à romanização vinham ganhando força de a década de 1950, com o surgimento de órgãos como a CNBB (Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil) e demais organizações correspondentes espalhadas pela América Latina e América Central onde a situação da população da população era de total abandono por parte dos organismos legais e da própria Igreja. Isso faz com que, entre os teólogos da América Latina surja o interesse de construir uma Igreja ser mais presente na vida cotidiana dos pobres. Essa constituir-se-ia como a principal reivindicação e a maior esperança que os teólogos, padres e bispos, chamados de “teólogos da libertação” levam para o Concílio de Roma. Após da vitória da revolução liderada por Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara, e a tomada de posição do regime a favor das classes menos favorecidas, com medidas como a reforma agrária e a reforma educacional os teólogos viram no socialismo uma forma de governo preocupado com as pessoas pobres da população. Embora ainda pesasse o preconceito contra o sistema, como será notado mais adiante no trabalho, são essas atitudes que farão com que teólogos como o brasileiro Frei Betto visite a ilha mais de uma vez.

Uma das principais preocupações da igreja católica nesse período era o avanço do comunismo no mundo, principalmente na América Latina, ainda o continente onde a Igreja Católica tem o maior número de fiéis, mesmo com vários setores da igreja se posicionando a favor dos mais humildes, e sendo essa a opção predominante e uma das premissas mais importantes do Marxismo, posicionando-se a favor do fim da sociedade de classes e abolição dos privilégios individuais, para atingir o fim da desigualdade social, ou seja, a mesma proposta dos cristãos progressistas latino-americanos ainda há o temor de que com a ascensão do marxismo ocorra o fim da religião. O que provoca um paradoxo: como aliar o pensamento marxista à espiritualidade cristã? Um exemplo dessa dicotomia pode ser percebido nas seguintes palavras:

O temor do Marxismo impede a muitos de enfrentar a realidade opressiva do capitalismo liberal. Pode-se dizer que, diante do perigo de um sistema claramente marcado pelo pecado, as pessoas se esquecem de denunciar e combater a realidade já implantada de outro sistema igualmente marcado pelo pecado. É necessário prestar atenção a este, sem esquecer as formas históricas, atéticas e violentas do Marxismo.²

Ou seja, há que se criticar a exploração proporcionada pelo capitalismo liberais sobre os operários e camponeses sem cair no ateísmo marxista, essa é uma das causas da criação da Teologia da Libertação, que se propõe a preencher a lacuna que falta para aproximar catolicismo e marxismo, no sentido de que promove uma convergência entre os pressupostos marxistas de igualdade e fim da distinção por posses e a pregação espiritualista do amor ao próximo tão cara ao catolicismo. No entanto, a Teologia da Libertação enfrentará sérias barreiras mesmo dentro da igreja, barreiras essas impostas pelos cristãos conservadores que vêem na Teologia da libertação o marxismo se infiltrando na igreja. Esse temor, de que o marxismo possa excluir a fé, perpassa todas as discussões durante o Concílio e ao seu término a conclusão a qual chega a respeito do comunismo (não se faz distinção nos textos pesquisados para o presente artigo distinção entre socialismo e comunismo)³ pode ser percebida na citação que se segue e que foi retirada do documento oficial contendo as resoluções do Concílio Vaticano II publicado pela Igreja após o término do mesmo:

(...) espera a libertação do homem, principalmente da sua libertação econômica e social. Sustenta que a religião, por sua natureza, impede essa libertação (...). Os partidários dessa doutrina, onde chegam ao governo da coisa pública, perseguem com veemência a religião.⁴

Essa visão permeia toda a relação, ou quase toda ela, entre a Igreja católica e o comunismo e, mais especificamente, com o estado cubano. Mas, embora o conceito de comunismo que será levado ao resto do mundo não tenha mudado não quer dizer que esse Concílio não tenha sido importante. O concílio foi um evento “divisor de águas”, um marco importante para a Igreja, pois nele foram deliberadas às questões relacionadas ao multiculturalismo, o reconhecimento de que vivemos um mundo onde convivem diferentes povos e que, portanto, a igreja deve se adaptar às diferentes realidades, o ecumenismo, o respeito às demais formas de se viver a religiosidade e a fé, admitindo que se deve respeitar e buscar conviver respeitosamente com todas as demais religiões do mundo e a opção que a igreja adota de dar atenção, preferencialmente, aos pobres lutando pela emancipação da humanidade da vida de sofrimento e do jugo dos poderosos. Após o Concilio ter terminado e suas decisões terem sido discutidas em um âmbito local pelas reuniões das Conferencias Nacionais de Bispos e em âmbito continental pelas reuniões do CELAM (Conferência Episcopal Latino Americana) realizadas em Medellín, Colômbia, no ano de 1968 e em Puebla, México, em 1979, a igreja Latino-americana, já consciente de sua maturidade e autonomia em questões de fé faz, realmente sua opção pelos pobres da América latina, como diz o teólogo chileno Ronaldo Muñoz na introdução do seu livro sobre a nova consciência da igreja na América Latina, no que diz respeito à atuação da igreja no contexto de violência e opressão pelos quais vive o pobre:

Em tal contexto, a igreja, grupos cada vez mais significativos de cristãos em diversos ambientes, tomam consciência de sua responsabilidade solidária. Responsabilidade dos cristãos mais conscientes de sua fé, num continente marcado por uma tradição católica não isenta de deficiências e distorções, e que agora buscam, os caminhos para a libertação do homem latino-americano e a construção de uma nova sociedade.⁵

Essa postura mais libertária da igreja pós-conciliar abriu brechas para que a igreja latino-americana expandisse suas ações junto aos desfavorecidos aproximando-se, inclusive

do socialismo cubano, com vários religiosos visitando a ilha para ver como foram feitas as reformas, agrária, educacional Etc.

A ILHA SOCIALISTA E A IGREJA CATÓLICA

No caso da Ilha de Cuba, podendo também ser estendido para a América em sua totalidade, a postura de afastamento da igreja da realidade concreta da sociedade e sua exaltação do sofrimento humano, no passado, fez com ela muitas vezes fosse vista como porta-voz das elites econômicas como fica patente nas palavras do líder cubano Fidel Castro: “nem mesmo houve problemas com a fé católica, mas sim com as instituições católicas, o que não é o mesmo”.⁶ Isto é, a igreja, não atuando de maneira direta a favor dos pobres e oprimidos, tornava-se, na prática, um sustentáculo do sistema, sendo sua função nesse sistema a de acalmar as massas para elas não se sublevassem contra a ordem estabelecida. Isso aparece de forma evidente quando, na segunda metade do século XX, em vários países da América Latina, quando oferece apoio aos governos autoritários na luta contra o avanço comunista, como foi o caso brasileiro, mas também no Chile e na Argentina, onde se realizaram “marchas” cristãs contra os “vermelhos” e “demoníacos” comunistas. Mas como foi dito antes, muitos setores da comunidade eclesial contestam essa postura da igreja tradicional e buscam uma Igreja que sirva aos pobres ao invés de aos ricos, grande expressão dessa corrente foi Dom Helder Câmara que disse em uma conferência em Recife no ano 1968:

(...) o cristão nada tem a temer pelo fato de que o mundo marcha para o socialismo, já que “pode oferecer uma mística de fraternidade universal e de esperança incomparavelmente mais ampla do que a mística estreita do materialismo histórico (...). Os marxistas sentem a necessidade de rever, por toda parte, seu conceito de religião”.⁷

Na fala de dom Helder nós percebemos o apelo ao diálogo, já não pode mais haver espaço na igreja católica para a intransigência dogmática, ainda mais após o Concílio vaticano II onde foi reconhecido que nós vivemos em uma sociedade multicultural. A diferença entre sua fala e a postura da igreja reformada é que ele sugere uma relação mais próxima entre a igreja e o regime socialista.

Na prática dos teólogos da libertação havia ações que se aproximavam das práticas socialistas como a conscientização das massas sobre a sua situação de miséria, alertando-os de que essa situação não era normal e que o sofrimento não é um desígnio divino, mas fruto da ganância dos poderosos. Dentre as principais propostas da Teologia da Libertação se encontra a tentativa de se fazer uma reforma agrária que realmente contemple a todos os camponeses sem terra, medida essa que foi uma das primeiras medidas adotada pelo governo revolucionário cubano⁸ sendo que esse não é o único ponto de contato entre o socialismo e a Teologia da Libertação, nas palavras do próprio Fidel:

Digo-lhes que há um grande ponto de contato entre os objetivos que o cristianismo preconiza e os objetivos que nós, comunistas, buscamos: entre a pregação cristã da humildade, da austeridade, do espírito de sacrifício, de amor ao próximo e tudo o que se pode chamar de conteúdo da vida e conduta de um revolucionário (...). Ainda que por motivações diferentes, as atitudes e a conduta que propugnamos frente à vida são muito semelhantes.⁹

Quando Fidel Castro proclamou o caráter socialista da revolução, a elite eclesiástica cubana, ao mesmo tempo pertencente à elite econômica se atemorizou ante a perspectiva de ter os seus bens desapropriados, segundo Fidel foi nesse momento que se iniciaram os conflitos entre a revolução e a igreja “as tensões com a igreja quando a Revolução se chocou com os setores privilegiados. Esta é a verdade histórica”.¹⁰ Ou seja, em Cuba a igreja era aliada dos grandes proprietários de terra e tiravam proveito dessa secular situação de exploração. Essa é outra faceta da igreja católica criticada pelo movimento revolucionário cubano; ao invés de se afastar dos problemas mundanos a igreja toma o partido dos poderosos e age realmente como um “braço” do sistema, e é nesse sentido que Fidel diz que o problema é a instituição e não a fé.

Mas após o Concílio, com a nova postura da igreja frente à realidade as relações em geral se tornaram mais amigáveis ou, pelo menos, não tão hostis. Grande parte disso se deve aos teólogos da libertação que visitaram Cuba nas décadas de 1970 e 1980. a cerca da atuação dos cristãos em Cuba:

(...) Para os cristãos cubanos “todo momento histórico criativo é um momento maior da atividade divina. Por isso todo momento revolucionário é o mais alto momento da divina criatividade. Na ação mais revolucionária, mais se manifesta a atividade divina, a fé cristã é, ela mesma, o momento revolucionário por excelência (...)”.¹¹

Um setor importante do clero latino-americano revê seus conceitos e atitudes a ponto de ver no movimento revolucionário uma centelha divina por excelência, o que causará enormes conflitos e discussões tanto em Medellín quanto em Puebla.

CONCLUSÃO E PROSPECTIVA

É entre esses dois pólos que se equilibram as relações entre a igreja católica e Cuba, uma parcela da igreja se opõe a todo e qualquer diálogo com um regime socialista e outra que tenta traçar paralelos e caminhos comuns entre o regime cubano e a igreja, mas uma grande parte, talvez a de maior influência entre as massas de católicos, apoiaram, o bloqueio econômico proposto pelos Estados Unidos da América a ilha de cuba nos anos 60, Isso não impede o que outras correntes cristãs fizeram da ilha do socialismo, uma experiência de aproximação entre socialismo e o cristianismo para a formação de uma sociedade mais justa onde todos tenham os mesmos direitos.

NOTAS

¹ Isso não quer dizer, obrigatoriamente, que a instituição se pusesse a favor das classes dominantes, mas sua postura de indiferença e a pregação do sofrimento humano como tendo origem divina, fez com que não se tomassem atitudes que mudassem a situação de exploração dos camponeses e operários da América latina.

² Puebla: Conclusões. São Paulo, SP: Loyola, 1980, p 46.

³ O que não quer dizer que em outros textos isso não aconteça, o que pretendo enfatizar aqui é o fato de que num concílio não se leva em consideração as particularidades entre os dois sistemas, colocando ambos no mesmo patamar como possuidores de uma só postura e uma só ideologia, sendo também ambos sistemas que pregam o ateísmo, não levando em consideração os sincretismos de cada povo onde foi instaurado o regime socialista ou comunista

⁴ *Compêndio vaticano II: Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984, p. 162.

⁵ MUÑOZ, Ronaldo. *Nova Consciência Da Igreja na América latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979, p. 09.

⁶ BETTO, Frei. *Fidel e a Religião: conversas com Frei Betto*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986, p. 213.

⁷ DUSSEL, Henrique. *De Medellín a Puebla: Uma Década de sangue e esperança*. Vol. 1: de Medellín a Sucre – 1968-1972. São Paulo, SP. Loyola, 1981, p. 84.

⁸ Para dar o exemplo de que essa reforma seria total, o líder revolucionário e então comandante-em-chefe do exército Fidel castro desapropriou as terras de sua própria família.

⁹ BETTO, Frei. *Op. Cit.*, p. 214.

¹⁰ IDEM, p. 202.

¹¹ DUSSEL, Henrique. *Op. Cit.*, p. 85.